



A ESPECIFICIDADE DO SER FEMININO NO PENSAMENTO DE EDITH STEIN*

*Profa. Dra. Ir. Marly Carvalho Soares**

Resumo: A diferença entre masculino e feminino é uma questão mais ontológica do que social ou cultural. A questão de gênero oculta a visão da supremacia do sexo masculino. Neste texto abordaremos o tema da missão feminina adequada à ontologia feminina, estruturada na visão aristotélico-tomista apresentada por Edith Stein.

Palavras-chave: Questão de gênero; ontologia; fenomenologia; especificidade feminina.

Abstract: The difference between masculine and feminine is more ontological than social or cultural problem. The question of gender hides a view of supremacy of the male sex. In this text we'll study the theme of feminine mission adequate in the feminine ontology, based in the aristotelic-tomistic view, presented by Edith Stein.

Keywords: Question of gender; ontology; phenomenology; feminine specificity.

A questão de gênero é uma marca do nosso tempo e, como bem afirma Heidegger, cada época tem uma coisa a pensar. A marca do nosso tempo é a diferença sexual porque, até hoje, o alcance desta diferença geralmente foi ocultado, seja pela supremacia de um dos sexos, no caso o masculino, seja porque a luta pela igualdade prevaleceu sobre a questão da diferença, confundindo diferença com desigualdade, e identidade com igualdade. A pergunta pelo ser masculino é tão problemática quanto a pergunta pelo ser feminino. Como então pensar ao mesmo tempo a igualdade e a diferença entre os sexos? Não se trata somente de uma questão social e cultural construída, mas muito mais uma questão ontológica. Para ser fiel ao pensamento da Edith, queremos destacar não o gênero, mas a rigor a plenitude deste ser – que é a identidade da mulher. Vamos entender e transmitir o que Edith investigou e continuar a pensar a partir

* Este texto é uma versão de uma Palestra conferida no I Simpósio Filosófico Internacional Edith Stein em 21 a 23 de setembro de 2011 na Faculdade Católica de Fortaleza – GT : Um olhar interdisciplinar sobre a subjetividade humana.

do seu pensamento, discorrendo sobre ele e apresentando-o sob outras formas, à sombra do referencial teórico apresentado na sua obra : *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*.

O desenvolvimento do texto consistirá na demonstração da relação entre natureza e missão, bem como suas respectivas atividades pedagógicas. A hipótese levantada é se realmente há uma correspondência da missão à natureza, no sentido de completude do ser feminino, ou seja, uma ontologia da pessoa humana feminina adequada à ontologia do agir humano feminino.

A análise de Edith sobre a constituição da mulher tem como pressuposto o pensamento aristotélico-tomístico na compreensão do sentido da alma enquanto forma *corporis* e a sua prática existencial: uma judia (12 de outubro de 1897), atéia, (aos 14 anos) filósofa e pedagoga. A sua sensibilização para essa temática surge a partir da experiência de querer ajudar as mulheres infectadas pelos seus maridos – sente o desejo de cuidar de forma especial da mulher em descobrir sua essência – o que motiva o seu ingresso na Universidade em 1911) onde começa a participar de discussões filosóficas fenomenológicas, sendo assistente de Edmund Husserl, monja, numa crise de fé – aleatoriamente lê a Vida de Santa Teresa contada por ela mesma e diz: *esta é a verdade* - assume tudo, não mais como glória humana, mas como um apostolado, e vai dedicar-se na elaboração de um programa de formação feminina – pois ela deu enfoque na realidade da mulher, sua dignidade e vocação e por último se torna santa, canonizada pelo Papa João Paulo II aos 11 de outubro de 1998, em Roma¹.

No primeiro momento apresentaremos a estrutura básica da alma, oriunda das análises fenomenológicas e aristotélico-tomísticas; no segundo momento apresentaremos a realidade da individuação da alma feminina e seus tipos – que nos permite ter uma visão antropológica da mulher em sua plenitude; e no terceiro momento apresentaremos o *ethos* das profissões femininas e a sua peculiaridade filosófica.

1. A constituição do ser humano

Na constituição do ser humano podemos destacar ainda na atualidade duas perguntas significativas. A primeira seria ainda a origem do ser humano e sua diferença do animal. A segunda que nos interessa

¹ A respeito do percurso biográfico da Edith Stein veja: FELDEMANN, Christian. Edith Stein, judia, atéia e monja, p.30.

mais é qual é a atitude que se pode definir humana de modo eminente: por exemplo, a superação do medo do fogo. O medo continua tanto no animal como no homem. Será que o corpo humano foi preparado pela evolução de modo tal para receber determinadas capacidades psíquicas que consideramos humanas? Há um princípio de continuidade na natureza?

No ser humano houve uma mutação para usar uma expressão científica. Quando nos encontramos diante de algo diferente, isso nos convida a mudar de nível. Encontramo-nos diante do mistério. Tudo isso nos levará à consideração do ser humano como uma totalidade vital que não pode ser analisada a partir de um único ponto de vista: nem morfológico, nem fisiológico, nem psicológico, nem etnológico nem mesmo teológico. (STEIN, 1999 p. 127). Tais perspectivas são entrelaçadas e complementares. De modo isolado oferecem uma imagem falsa, e revela uma insuficiência que requer a passagem para um diferente domínio de investigação. Daí o que justifica a transversalidade e multiplicidade dos saberes, tão necessária na atualidade no contexto da globalização.

Na constituição do ser humano, tradicionalmente distinguimos dois componentes: a alma e o corpo fundamentados na investigação sobre a natureza. Na verdade já proposto por Husserl, ele distingue três momentos constitutivos do ser humano: corpo vivo, a atividade psíquica e a atividade espiritual. Husserl vai além da tradição, no sentido que explicita a fundo as funções e momentos que continuavam não explicitados na tradição. Essas funções são captadas através daquela filosofia que Husserl chamava fenomenológica. O percurso da investigação deve partir das manifestações das atividades corpóreas, psíquicas e espirituais para compreender a origem das noções de corpo, psique e espírito. Isto é das vivências².

Na relação vegetal, animal e ser humano parece haverem uma continuidade diferenciada na estrutura e nas funções. Todos os seres vivos, animais, plantas tem uma alma e uma forma corpórea. Não uma alma afetiva e nem espiritual, mas como já falava Aristóteles - a força energética – enteléquia.. No todo, plantas e animais, podemos dizer que a organização da alma enteléquia é quádrupla: corpórea, corpóreo-psíquica, afetiva e espiritual. Tudo isso justificado pelos estudos de fisiologia e em particular ao sistema nervoso e ao sistema neurovegetativo que nos mostra também o papel da vontade como instrumento de controle da corporeidade. É verdade também que o controle sucessivo dos membros e até mesmo dos

² Um estudo mais detalhado da fenomenologia veja em BELLO, Ângela Ales, Fenomenologia e Ciências Humanas, São Paulo EDUSC, 2004.

órgãos internos do corpo é devido a fenômenos de autossugestão verbal ou imaginativa, isto é, uma concentração que não é ativa no sentido de conscientização e vontade. No que se refere ao ser humano, trata-se de cinco princípios fundamentais agrupados de tal forma que a parte que se chama alma por sua vez é diferenciada em dois âmbitos sucessivos, o afetivo e o espiritual, e no que se refere ao corpo, descobre-se junto com a corporeidade uma alma corpórea que podemos definir psíquica. (STEIN, 1999, p.133). Portanto a alma parece constituir o todo diferenciado em atos e, isso ampliou a concepção tradicional da alma. Os sentimentos, como por exemplo, a alegria, o medo, a preocupação, e outros são sentidos no centro do corpo, oriundos da alma. O corpo é o campo da manifestação da alma, ao passo que o ato de compreender se encontra na cabeça. Por outro lado, como se dá a relação entre corporeidade e espiritualidade? O sinal da presença do espírito é dado pelo fato que descobrimos em nós uma dupla interioridade, uma relativa ao corpo e outra referente a nós mesmos. Nós nos transcendemos a partir do interior em duas formas, “diante do nosso corpo, diante de nós mesmos”. Mas o que chama mais atenção são os atos espirituais que necessitam de um instrumento para se efetivarem – neste caso o cérebro. Trata-se de fenômenos compreensíveis, como a abstração, o pensamento categorial, a memória, a capacidade de reprodução intelectual. Como se explica que tudo isso depende dos circuitos cerebrais?

Em termos gerais podemos observar que a gênese e a constituição do ser humano se referem à natureza, não no sentido de uma redução simplesmente à natureza, mas também de uma análise transfísica. Há uma inserção na totalidade: a emergência do ser humano na natureza se prolonga até a dimensão transfísica.

2. A especificidade da alma

A grande questão considerada neste contexto entre a psicologia e a fenomenologia é a fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito acrescentada por Edith. Antes de tudo, ambas tratam da análise do sujeito. A diferença consiste na modalidade dessa análise. Para Husserl a fenomenologia se apresenta como gnosiologia, uma pesquisa de tipo filosófico, que é necessária para a elucidação dos conceitos básicos da psicologia, e conseqüentemente a separação entre as ciências da natureza e do espírito.

Edith na herança de Husserl, mas por outra curiosidade insiste em saber se o ser humano está submetido aos vínculos de causalidade que caracterizam a natureza. Obviamente, nós nos referimos aqui a uma concepção clássica das ciências físicas, fundadas no princípio de causalidade e mais aprofundado a interpretação global do ser humano. Em síntese seria a oposição entre liberdade e natureza, ou melhor, ainda o físico contra o psíquico. E. Stein na sua reflexão e discurso recomeça desde o início para remontar até a raiz – das próprias coisas – o que se entende por psique e por causalidade. As causas que determinam a vida psíquica, elas não devem ser procuradas nos sentimentos vitais, mas sim nas formas de uma força vital que se revela em tais sentimentos. A causalidade não se refere à esfera das experiências vivenciais, mas à força vital. Por outro lado, é preciso notar que a causalidade psíquica se distingue daquela física e a psique de um indivíduo é um mundo à parte tal como a natureza material. Na natureza física a força se manifesta através do acontecimento, na esfera psíquica é captada através das suas formas vividas. Não existe nenhum determinismo na vida psíquica, apesar de nos encontrarmos perante conexões e, portanto relações causais. Também na vida psíquica é possível descobrir uma forma básica de intencionalidade, mas ela é apenas esboçada. A proposta oferecida por Stein é dirigir o nosso olhar para a nossa interioridade para descoberta dos atos presentes nela. É precisamente o ato de reflexão. A motivação serve para ligar os atos livres, a passagem de um ato para outro. Os atos livres pressupõem sempre um motivo, mas não determinam uma ação.

Na esfera vital podemos detectar dois níveis, um sensível e outro espiritual. Porém o espiritual é determinado pelo sensível. Por exemplo, o cansaço do corpo afeta a vivacidade do espírito, como também pode manter a independência. Enfim, a vida da psique aparece como ação combinada de forças diferentes: a força sensível, que se apresenta a respeito da apreensão dos dados sensíveis e nos impulsos sensíveis e a força espiritual, que é uma força totalmente nova e diferente da primeira se manifesta nas atividades e capacidades espirituais. Tal força provém da natureza e isso justifica o vínculo entre psique, corpo e natureza material, mediante a força espiritual a psique se abre ao mundo objetivo e pode adquirir novos impulsos. O alimento dessa força espiritual individual pode derivar de um espiritual objetivo, um mundo de valores, ou da força espiritual de outros sujeitos e do espírito divino.

3. A especificidade da alma feminina

A investigação fenomenológica, que se deixa guiar pelas coisas, portanto pelo objeto, antes que pelas teorias e, portanto, põe a análise no lugar da dedução. A análise, intuição, pesquisa essencial não se separam, mas levam a captar a realidade na sua totalidade que é esboçada por expansão numa dupla direção de aprofundamento e de sondagem progressiva a partir de uma parte, que pode ser constituída pela natureza, pelo ser humano, quer como individuo quer como comunidade. Porque a investigação fenomenológica, que se revelou peculiarmente congenial à sensibilidade feminina proporcionou à mesma um instrumento de investigação seguro?

Na esteira da investigação filosófica da fenomenologia e da tradição aristotélico-tomística Edith afirma que a *“espécie humana se desdobra na espécie dupla de homem e mulher, de modo que a essência do ser humano, em que não deve faltar nenhum traço de um ou de outro, se manifesta de dupla maneira revelando-se a marca específica em toda a estrutura do ser.”* (STEIN, 1995, p. 206). Esta diferença é constatada não só no corpo ou nas funções fisiológicas, mas em toda a vida corporal, psíquica e espiritual. De modo que se pode afirmar que a espécie humana feminina corresponde à unidade e à integridade de toda a personalidade psicofísica, o desenvolvimento harmonioso das forças; e a espécie masculina se destaca pela potencia máxima de forças isoladas.

Esta visão diferenciada da espécie é oriunda também da teologia da criação quando se refere que o homem assume o lugar cultural de domínio e de transformação e a mulher cabe o lugar de companheira e auxiliar. Já na missão de procriar e educar, a mulher assume o domínio; e o homem foi colocado ao seu lado como ajudante e protetor. Pois a mulher está mais ligada ao filho, tanto pelo corpo como pela alma. A essa missão de ser companheira e mãe corresponde a peculiaridade do seu conhecimento, que tem sua força na compreensão intuitiva das coisas concretas e vivas, especialmente dos aspectos pessoais. No dom de identificar-se com a alma do outro, com seus objetivos e modos de proceder; a força de entender o outro na sua peculiaridade e em seu valor; no desejo de posicionar-se frente a outrem; no desejo de levar ao desenvolvimento mais perfeito a humanidade na sua forma específica e individual. Homem e mulher têm em seu ser as mesmas características básicas, das quais prevalece umas ou outra seja no respectivo sexo, seja no indivíduo. O casamento e a maternidade podem ser a vocação primeira da mulher, mas isso não se aplica necessariamente a cada

indivíduo. Poder haver mulheres destinadas a grandes realizações culturais, e suas aptidões podem perfeitamente estar adequadas a essa missão. (STEIN, 1995, p. 207 -208).

Em síntese podemos resumir que além da disposição natural para a maternidade e companheirismo, Edith acrescenta ainda outros valores e desejos, por exemplo: o desejo de dar e de receber amor; receptividade para a religiosidade e abertura para o transcendente que independe de religião ou credo. Mas quando uma mulher tocada pela sua missão dedica sua vida em favor dos outros no celibato, ela poderia chegar à plenitude do ser humano, já que a maternidade faz parte da essência feminina?

4. A maternidade como atitude da alma

Edith confirma nas suas conferências que a maternidade é uma atitude da alma, pois esta atitude significa humanizar o outro. Isto é, colocar-se plenamente a serviço do outro que necessita de cuidado; estar atenta à necessidade alheia, ser companheira não necessariamente como marido e esposa, mas é dar de si, de sua capacidade de humanização. Por isso, a mulher que não é nem esposa nem mãe precisa efetivar essa maternidade espiritual em suas atitudes e ações. Por outro lado, também a mãe biológica também precisa comprovar a sua maternidade neste espaço de doação e compreensão. Daí se deduz que a maternidade é um dom do espírito, que implica vivência de virtudes e, que às vezes se expressa na corporeidade.

Neste contexto de grandeza e valorização da maternidade, explicita pela convicção da Edith, se levanta a seguinte suspeita. Porque então a mulher atual seja biológica ou espiritual não responde a essa vocação? “É constatada na história e na literatura que nem toda mulher incorpora perfeitamente o modo feminino de ser”. Quais as alternativas de respostas? A primeira alternativa apresentada seria a oriunda do pecado original. Tudo aquilo que chamamos de enfermidade, de anormalidade, de problema educacional provem dessa fonte, por outro lado todo esforço formativo humano tem a missão de contribuir para a reconstituição da natureza íntegra. O que mantém o ser humano nessa situação? - A revolta do espírito contra o domínio de Deus, a revolta das forças inferiores contra as superiores, dos sentidos contra o domínio do espírito, da vontade contra a razão.

A revolta do espírito gera uma mudança nas relações com os seres: elas são exploradas em vez de conservadas para Deus. Como conseqüência as criaturas inferiores se revoltam contra o ser humano – é o estado de

guerra. Da revolta dos sentidos e do espírito nasce o desregramento dos sentidos e do espírito com todos os danos para o corpo e à alma.

Tudo isso se aplica ao homem e a mulher. A degeneração específica do homem se dá no domínio brutal sobre todas as criaturas, mas especialmente sobre a mulher e da escravização pelo trabalho, ao ponto de atrofiar-se negando seu elemento humano. A degeneração da mulher consiste na ligação escravizante ao homem e no afundamento do espírito na vida do corpo e dos sentidos. Esse contexto de exploração pode levar a mulher a um desvio da sua especificidade como também a não realização da espécie humana no decorrer da História mundial.

Estas deformações no conhecimento e na vida na mulher formam outros comportamentos e outros seres. Podemos destacar o tipo sexual - que se manifesta na concentração do interesse e da fantasia no campo sexual - já a partir da infância. Todo o comportamento se transforma na presença de pessoas do outro sexo, fáceis de sedução e, finalmente da prostituição. Este é um desafio para a família e as políticas públicas que invista na educação sexual desde a infância; o tipo romântico, que transfere tudo para o campo espiritual e ideal, cheios de fantasia que acaba paralisando o juízo e a disposição para a vida real; o de tipo escrava - na mulher emancipada que recusa tanto a dependência que escraviza, assumindo uma atitude revoltante contra o sexo masculino. Hoje se podem constatar mais o tipo sexual, como também o tipo prático objetivo, devido às solicitações duras da vida real.

Qual o papel do formador, do educador neste contexto de despersonalização da mulher, como também vítima de toda espécie de violência? Criar as condições para a reversão dos desvios e para o afloramento da natureza pura passando por todos os setores privados e públicos: a família, o Estado, a Igreja, a Escola, a Universidade, aprimoramento dos métodos formativos, sistema educacional com competência, e, uma das missões da mulher é de conduzir a juventude à igreja e mostrar para a vida do povo o valor da feminilidade. A mulher plena é aquela aberta a tudo que diz respeito ao humano. Mas por outro lado, cabe à mulher e não a outrem trazer a bom termo a realização do ser pleno pela auto formação, que já está contido em sua essência. Todos esses assuntos foram objetos de debates e conferências da Edith.

5. O *ethos* das profissões femininas

Segundo a autora o termo *ethos* compreende “*uma forma interna e uma atitude de alma*” que no contexto da escolástica se chamava de hábito. Essas atitudes, diversas, quando perseverantes, se manifestam em diversos comportamentos que podem ser classificados em hábitos inatos, adquiridos e infusos. Os inatos se constituem em disposições básicas naturais da alma, como os nossos temperamentos e sentimentos; outros são adquiridos ao longo da nossa formação e vivência; e os infusos são todas as virtudes que constituem a santidade do ser humano providas da escuta e da prática da palavra de Deus.

Quando a ideia de hábito se particulariza em vista de um valor e se concretiza numa atitude constante, temos o *ethos* profissional que não é cumprir regras impostas de fora, ou apenas como fonte de renda, mas que consiste na atuação de uma força interna que brote do consentimento prazeroso de dentro da pessoa e se expressa em atitudes de fidelidade e responsabilidade. Essa profissão é abraçada como vocação. (STEIN, 1995, p.56).

Um aspecto que foi conquistado no século passado e mais ainda agora pelas mulheres é a profissão. Existem as profissões naturais como mãe e esposa, e as demais profissões adquiridas, pois, como afirma a autora, qualquer mulher normal e sadia pode exercer qualquer profissão. Porém:

“é necessário que estejamos conscientes de que nos encontramos no começo de uma grande revolução cultural, que estamos passando por doenças infantis e que ainda falta realizar um trabalho essencial e básico; que é necessário voltar à natureza do homem e da mulher para podermos preparar uma formação e distribuição profissional, que corresponda à índole de cada um, de modo que alcancemos, aos poucos, uma inserção natural dos sexos no corpo social” (STEIN, 1995, p.161).

Aqui o principal desafio seria a conciliação da vida familiar, com o trabalho profissional para que a mulher não perca o centro de sua alma feminina - a afetividade - e por outro lado, corra o perigo em ter que se esforçar à maneira dos homens para não ser inferior aos homens, acarretando um atrofiamiento na mulher. Apesar dessa imagem triste da média das mulheres, encontramos em todos os âmbitos da vida verdadeiras heroínas que na vida profissional ou familiar e na opção de uma vida consagrada ao seguimento de Cristo chegam a realizar milagres de desempenho, umas movidas pela força natural e outras pelas forças natural e sobrenatural. (STEIN, 1995, p.69). Independente de

qualquer opção, só uma coisa a realiza: amar e ser amada e, portanto é essa preocupação que precisa se concretizar na formação, pois dela depende a harmonia e humanização da sociedade.

6. A mulher e a filosofia

A filosofia não é nem masculina e nem feminina. Porém podemos arriscar, sem medo, que há uma afinidade da filosofia com a mulher na sua essência e nos seus resultados. Qual é o sentido da pesquisa filosófica?

A partir de uma visão panorâmica que podemos ter sobre a situação passada e presente relativa à nossa cultura podemos constatar a não presença de outras formas diferentes de filosofar, quer também a sua falta em outras culturas. Por outro lado, o desejo de saber, sempre caracterizou a humanidade mesmo nas suas formas mais espontâneas; certamente na cultura ocidental – a cultura do logos - isso ocorreu de uma forma consciente que continua possuindo toda a sua capacidade expressiva e sua riqueza de conteúdos. Não se pode negar que tal aparato foi elaborado a partir de uma visão masculina. A filosofia, na verdade, aparece quando a estrutura patriarcal da sociedade é forte e corresponde de fato a um predomínio dos homens.

Todavia, no decurso deste século a situação mudou. De que maneira se configurou a contribuição das mulheres na vida cultural e, particularmente, na filosofia? A novidade é que a filosofia na sua reviravolta fenomenológica equivale muito mais a essência feminina pela sua preocupação com o ser humano na sua estrutura como nas suas relações. Na análise da subjetividade, a centralidade no sujeito é superada, este se constrói a partir de suas relações, e não como ponto de partida e de irradiação da realidade e absorvendo tudo em si mesmo. Há uma firme conexão entre o sujeito e a realidade. A realidade é o outro que se mantém na sua diferença, portanto a sensibilidade feminina é capaz de identificar esta alteridade, e, ao mesmo tempo, a categoria da totalidade não é pressuposta, como momento do qual se pode reduzir o resto, ao contrário, deve-se considerar como o lugar de convergência unitária para o qual tendem as análises particulares e, por fim a disponibilidade para o ver e o escutar, deixando falar as coisas, não querendo sobrepor a elas uma redoma conceitual que impede vê-las. Na sua leitura da realidade pela sua capacidade intuitiva e a disponibilidade para o ato de ver e de escutar está a superação e a originalidade da investigação feminina que vai para além de um Husserl ou de um Heidegger. O ser está para além do ser... Cabe a nós unir a filosofia e a cultura.

Percebe-se hoje um maior esforço de conhecimento e de recuperação de cada identidade na sua diferença de ser e de fazer. Neste processo de igualdade prefigura-se a identidade racional. A mulher começa a perceber a grandeza de seu fazer e de seu saber. Descobre que sua estrutura feminina prepara a mulher física e psiquicamente para gerar e cuidar da vida, que no domínio privado onde fora reservado para ela pelo homem, lá, cultivou os valores de solidariedade e partilha tão necessários a sociedade de hoje. Lá foi educada para o altruísmo e o cuidado, condição necessária para a sobrevivência de qualquer ser humano. A mulher ao mesmo tempo em que depende do homem, depende da vida e das coisas, sua grande possibilidade de liberdade. Ao passo, que o desenvolvimento da consciência do senhor encontra-se estacionada. De sorte que, a consciência que trabalha chega à intuição de ser independente como intuição de si mesma, isto é, vem a reconhecer a si mesmo nos seres independentes. Os objetos do seu trabalho não mais serão coisas mortas que o acorrentam a outros homens. Mas produtos do seu trabalho e, como tal, parte integrante do seu próprio ser.

Hoje elas trazem para o sistema produtivo e para o Estado algo radicalmente novo. O seu isolamento ao ambiente privado foi providencial para enfrentar o domínio público e transformá-lo num ambiente comunitário e emancipado. A mulher torna-se protagonista na construção de espaços democráticos de influência cultural e social. Sente o desafio de aprofundar suas estratégias de influência e ação, deslocando-se para novos eixos de atuação, exercendo democraticamente sua cidadania, influenciando diretamente poderes públicos de decisão. A força da mulher torna-se um movimento político, expandindo a democracia e superando estruturas de injustiça.

O importante numa sociedade em transformação é quando se efetiva e se compreende a unidade na diferenciação do feminino e do masculino. Cada diferença é reconhecida em si e para si, o que implica o resgate e o ganho da dignidade humana, Não importa que sejamos homens ou mulheres, mas sim que sejamos pessoas comandadas por uma vontade racional e não uma vontade natural e arbitrária. Só a partir do resgate desta experiência fundante entre pessoas de gênero diferente é que possamos ter a pretensão de dignificar todas as relações pessoais, grupais, coletivas, sagradas e políticas e aí teremos o reconhecimento universal tão proclamado e desejado por Hegel quando uniu a filosofia e a cultura.

Bibliografia

STEIN, Edith. A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça, Ed. Edusc, São Paulo, 1999.

STEIN, Edith. La struttura della persona umana (trad. Ângela Alves Bello), Ed. Città nuova, Roma, 2000.

HEGEL, G. W. F. Princípios da filosofia do direito, Trad. De Orlando Vitorino, São Paulo, Martins Fontes, 1997.

CONTE, Hildo. O amor é possível. Canoas, Editora La Salle, 2002.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças, Rio de Janeiro, Ed. Sextante, 2002.

** Profa. Dra. Ir. Marly Carvalho Soares*

Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana-Roma,
Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de MG. Professora da UECE